

## Pontes: proximidades e distanciamentos entre as propostas de sociologia de Georg Simmel, Pierre Bourdieu e Norbert Elias

Salete Nery\*

### Introdução

Os desafios impostos pela tentativa de compreensão do mundo social ou, em outros termos, do que significa a percepção de seres singulares (indivíduos) que, a partir de vínculos de interação, formam redes que parecem assumir relativa autonomia sobre esses mesmos indivíduos (aquilo a que denominamos sociedade) levaram à constituição de diferentes propostas de teoria, que, a despeito de suas singularidades mais evidentes, guardam igualmente inúmeras proximidades entre si. Deste modo o resgate contínuo das bases que sustentam as propostas de teoria social que circulam e são atualizadas por diversos pesquisadores em seus específicos trabalhos é fundamental. Mais do que isso, trata-se da necessidade crescente de não apenas reconhecer a existência de suas diferenças, mas de percebê-las dentro de um mesmo *continuum*, isto é, a partir dos fundamentais pontos de partida e de encontro que ligam as propostas. A tessitura das relações entre desenhos teórico-metodológicos distintos permite visualizar com maior clareza as especificidades que nos levam a adotar modelos, bem como perceber o que neles se deve emendar e superar na busca de propostas em melhor conformidade com o objetivo sociológico de “dar conta” do mundo social.

Em conformidade com tais colocações, o objetivo primordial deste trabalho é, portanto, confrontar e, assim, perceber proximidades e distanciamentos quanto à teoria-método defendidos por autores da teoria social, destacando as singularidades de suas propostas de estudo. Para tanto, foram escolhidos Georg Simmel, Pierre Bourdieu e Norbert Elias. A estratégia a ser posta em uso é, a partir de noções-chave utilizadas pelos respectivos intelectuais, proceder comparações, ainda que sumárias, a respeito de suas propostas. O fio-condutor desta discussão será a noção de *forma* em Georg Simmel. Pensador de alto quilate para a sociologia, Simmel teve especial importância na constituição das bases primeiras de assentamento da teoria social. Além dos fatores “antiguidade” e repercussão, este intelectual do século XIX será tomado como eixo pelo relativo grau de marginalidade e, logo, de desconhecimento a que foi relegado no percurso de construção e consolidação das ciências sociais ao decorrer do século XX – o que levará, neste trabalho, a uma dedicação maior na

---

\* Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), pesquisadora do Grupo de Estudos em Cultura, Memória e Desenvolvimento e professora da Universidade Salvador (Unifacs), Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) e Faculdade Delta (FacDelta).  
Recebido em 06/2007. Aceito em 11/2007.

explicitação de sua arquitetura de compreensão do mundo societal. Apesar de sua importância e do refinamento de suas concepções, Simmel ainda figura como o “estrangeiro” e, portanto, autor periférico na teoria social, ainda que venha sendo “descoberto” nos últimos tempos. A partir, então, de seu conceito de *forma*, poderemos tomar noções adicionais por ele utilizadas e que foram retomadas por outros pensadores de considerável interesse aqui. Estas noções são as de *campo* e *configuração*, num primeiro plano, e de *mundo* (ou *esfera*) e *constelação*, num segundo plano. Devido aos próprios limites deste texto, não se intenta aqui explanar a respeito de cada proposta em seus pormenores, e sim tomar elementos entendidos como cruciais para que as costuras entre os citados arcabouços teórico-metodológicos sejam possíveis. Pierre Bourdieu e Norbert Elias, por sua vez, são tomados como autores que apresentaram ao longo de suas trajetórias marcos de compreensão do mundo social que poderíamos apontar, sem prejuízos, como dois caminhos possíveis de encaminhamento teórico-metodológico perceptíveis desde a proposta simmeliana. A relação entre Simmel e os dois intelectuais mencionados será procedida a partir da mediação de Ernst Cassirer, autor que, reconhecidamente, influenciou as elaborações teóricas de Bourdieu e de Elias. Para tanto, tomar-se-á, especificamente, sua obra *A filosofia das formas simbólicas*, escrito na segunda década do século XX.

## Relações sociológicas fundamentais

### As formas em Georg Simmel

A despeito do caráter ensaístico que marca parte considerável de sua obra, o pensamento simmeliano parece longe da assistemática de que, por vezes, é acusado. A base fundamental da arquitetura de conceitos construída pelo autor e que permite compreender os aspectos decisivos de suas reflexões em sociologia e em filosofia está em sua concepção acerca da especificidade do ser humano: a capacidade de “construir pontes e portas”, ou seja, de estabelecer ligações e, para tanto, separações entre os diferentes elementos que compõem o mundo, retirando-os do fluxo constante da vida “como se” fossem entes singulares, e compondo, a partir dos liames construídos entre eles, figurações (ou *configurações*), sempre transitórias e parciais, devido à possibilidade de sempre se construírem renovadas configurações a depender do posicionamento do sujeito em relação a seu objeto. Em outros termos, trata-se da capacidade de síntese, a partir de prévia análise, que permite a exteriorização da unidade vital em formas objetivas, que despertam e explicitam sentidos possíveis dissolvidos na pluralidade da vida. No entanto, tomar aspectos da vida, retirá-los do fluxo, e conformá-los, dar-lhes forma, portanto, é simultaneamente aprisionar e limitar os sentidos em *configurações*, fragmentos, portanto, da totalidade inesgotável original, uma vez que nada são além de uma perspectiva possível de apreensão dos conteúdos da vida. Por isso, o Simmel aventureiro instiga sempre o observador a “girar” o seu objeto com vistas a relativizar o próprio olhar e

conseguir perceber na *constelação*, enquanto pluralidade de sentidos, diferentes configurações, sínteses possíveis de serem construídas, objetos distintos a serem estudados cientificamente (SIMMEL, 2002b; WAISBORT, 2000). Assim, a configuração, ou figuração, é uma modalidade de forma; e, para este autor, há diferentes níveis de formalização. Tais configurações, portanto, podem vir a servir de elementos à composição de novas e mais complexas sínteses em sentido vertical (servindo como base à construção de sínteses mais abstratas) e também em sentido horizontal (enquanto sínteses historicamente remodeláveis).

Por que el hombre es el ser que liga, que siempre debe separar y que sin separar no puede ligar, por esto, debemos concebir la existencia meramente indiferente de ambas orillas, ante todo espiritualmente, como una separación, para ligarlas por medio de un puente. Y del mismo modo el hombre es el ser fronterizo que no tiene ninguna frontera. El cierre de su ser-en-casa por medio de la puerta significa ciertamente que separa una parcela de la unidad ininterrumpida del ser natural. Pero así como la delimitación informe se torna en una configuración, así también su dilimitabilidad encuentra su sentido y su dignidad por vez primera en aquello que la movilidad de la puerta hace perceptible: en la posibilidad de salirse a cada instante de esta delimitación hacia la libertad (SIMMEL, 2001: 53).

Vida é fluxo. A construção de formas é o mecanismo humano geral de apreensão da vida por estabelecimento de liames entre elementos que se percebe como separados. O pesquisador constrói formas de formas, tendo em vista a incompletude daquelas encontradas na vida, continuamente abandonadas na edificação de novas (MORAES FILHO, 1983). A ele caberá, pois, relacionar os fragmentos de forma construídos historicamente. Este procedimento cognitivo representa o caminho mesmo da história humana que, de totalidade mais coesa, se agita em direção a uma série de diferenciações que dão margem ao modelamento de novas totalidades. As *formas* não são apenas um modo de apreensão do mundo, elas constroem o mundo e vão mudando em conformidade com o mundo, afinal constituem com ele uma totalidade. Assim, o movimento rumo a diferenciações tem igualmente expressão no mundo social, daí o destaque conferido pelo autor quanto à discussão concernente à divisão do trabalho – segundo Simmel (1998b), característica definidora do mundo moderno. Aprender o mecanismo de construção humana do conhecimento parece permitir, então, um conhecimento mais seguro, apesar de o autor rejeitar a possibilidade de alcance de verdade, acerca do próprio processo de construção da história dos homens pelos homens. Se tais procedimentos sintéticos são edificações de novas unidades, que retroagem na vida por funcionarem como seu princípio organizador, é inegável, por outro lado, que, para o autor, tais sínteses apenas se efetuam a partir de um momento anterior de análise, que significa a percepção de tais elementos como composto unidades discretas e, por isso, passíveis de estabelecimento de relações. E a noção de constelação parece apontar para isso, como um agrupamento de fatores passíveis a interligações. Por isso as constelações são marcadas pela multiplicidade. Este, inclusive, é o modo como Weber (1999) utiliza a noção ao definir como objeto

de interesse da revista *Arquivo para a Ciência Social e Política Social* apenas a constelação em que os “fatores” agrupados formam fenômenos culturais historicamente significativos que, a fim de serem causalmente explicados, levariam à consideração de outros agrupamentos singulares – o que significa haver já a interferência humana numa primeira delimitação geral, cabendo, então, perceber e interpretar as ligações possíveis.

Para Simmel, vida e forma são inextricáveis (2001, 2002a); a vida apresenta, como afirmado, apenas “pedaços” de formas a serem completadas por um trabalho de imputação de sentido (ou seja, de interpretação) que acaba por cindir, analiticamente, vida e forma. Assim, os fragmentos de forma seriam “completados” via abstração, levando a um distanciamento crescente quanto à realidade. Conforme Simmel, deve-se exagerar as características do real na construção dos *tipos de forma*, elaboração que igualmente inspirará Weber em sua discussão acerca da noção de *tipos ideais*. No entanto, como afirma Cohn (2003), há uma diferença crucial entre os tipos elaborados por Weber e por Simmel. No caso daquele, os tipos construídos são puros, ou seja, são depurados, inclusive, de suas possíveis ambigüidades em características precisas. Em Weber, a pureza em elevado grau dos ideal-tipos é o que permite a compreensão do real em sua complexidade e impureza, uma vez que apresenta (o real) o entrelaçar de elementos de diferentes tipos. Em Simmel, seria mais apropriado, apesar de este autor afirmar a pureza do tipo, falar de *quase-tipo*, pois tais construções mentais apresentam as ambigüidades que, segundo Weber, caracterizam o real; afinal Simmel é um grande crítico dos dualismos, ao mesmo tempo em que, nas palavras de Leopoldo Waisbort (2000), opõe-se a ecletismos e à concepção da virtude de meio-termo ao reivindicar a variedade de perspectivas. Além disso, em Weber, os tipos-ideais são um recurso metodológico, uma ferramenta que permite lidar com a realidade. Se esta é complexa, carecemos de mecanismos que nos permitam operá-la de modo a construir um conhecimento válido. Já Simmel, na esteira de algumas contribuições de Kant, afirma que há uma *forma* humana de apreensão do mundo. Daí a sua busca por conseguir depurar quais seriam essas formas, o que o acaba levando ao mencionado distanciamento em relação à vida – ainda que, conforme explicitado anteriormente, vida e forma sejam, a rigor, inseparáveis. Se Simmel trilha um percurso que o leva a se ater às *formas* na construção, em especial, de sua sociologia; Weber mantém como objetivo último de seu percurso de pesquisa as “impuras e complexas” interações como se dão no mundo.

A afirmação simmeliana do modelamento de novas unidades sintéticas (singulares e simbólicas, portanto) remete à possibilidade de estas formas servirem de conteúdo a outras formas, na elaboração de sínteses de sínteses em distintos níveis. Se assim o é, a sociedade pode ser definida como uma forma construída a partir de relações de interação entre os indivíduos. O que há são indivíduos, que agrupados estão sujeitos a forças conservadoras e perturbadoras. O conflito entre uma concepção individualista e monista seria resolvido, segundo Simmel (1983), se fosse possível um olhar que penetrasse as relações

até as reciprocidades vividas entre os indivíduos. Contudo, para o autor, este conhecimento (perfeito) não é possível pela complexidade de tais vínculos inter-individuais. Cabe, então, à sociologia, a exemplo da geometria, delinear as formas que regem a vida social e que permitem sua conservação (quando exitosas, as formas permanecem), tornando os seres humanos não apenas descendentes, mas também, nos termos do autor, herdeiros de seus antepassados (2002b). Isso não significa que, para este autor, a sociedade se limite às interações duradouras objetivadas em configurações como o Estado e a família. As interações “menores” são as que primeiro constituem a sociedade e que, aí sim, se consolidam de modo duradouro (mas não imutável) em classes, igrejas, famílias, Estados (SIMMEL, 2002a). Para dar conta da idéia de que a sociedade é uma relação funcional entre os indivíduos, que estes “fazem e sofrem”, o intelectual judeu-alemão afirma que o mais apropriado seria usar o termo *sociação* ou *socIALIZAÇÃO*, a depender da tradução. Sociedade seria apenas o nome conferido para o conjunto de indivíduos ligados por interação. No entanto, impõe-se ao autor o problema acerca da posição do intelectual em relação ao seu objeto de estudo e qual o nível de formalização (uma vez que são vários) a ser abarcado em seu estudo.

Ora, interpretar é, para Simmel assim como para Weber, imputar sentido e, como conseqüência, operar por abstrações; no entanto, para o primeiro, são as intenções de conhecimento que definirão a distância assumida pelo pesquisador e o nível de forma a ser abarcada. Quanto maior o distanciamento, menor destaque terão os indivíduos e mais nitidamente se enxergará a forma mais genérica, a sociedade (*socialidade*), em seu aspecto abstrato. O fluxo das interações, faceta concreta da sociedade, seria a *sociação/socIALIZAÇÃO*. No que se refere à sua atenção às *formas*, Simmel se centra, especialmente, no que poderíamos, juntamente com Levine (2002), denominar *protoformas* sociais, por manterem mais fina associação a interesses pragmáticos, isto é, aos conteúdos da vida. Sua opção acaba por ser explicitar as múltiplas valências dos objetos tomados para estudo. Segundo Levine (*Idem*), é perceptível em Simmel quatro tipos ou níveis de formas sociais:

- 1) formas de interação social elementar (protoformas sociais);
- 2) estruturas institucionalizadas (a exemplo das classes, sindicatos, estruturas familiares, igrejas, organizações militares, dentre outros);
- 3) formas “lúdicas” autonomizadas, desprovidas de conteúdos práticos, em que a finalidade está na própria participação no *mundo* da sociedade (coqueteria, jogos, esportes, etc.);
- 4) a forma genérica da própria sociedade.

Ao lado das formas sociais, Simmel discute a objetivação de formas culturais, atributos da filosofia. Apesar de operar com a distinção entre formas culturais e sociais, o autor esclarece haver relações entre esses tipos de formas. Ao contrário, inclusive, do que possa parecer numa primeira instância, a sociedade não seria análoga à cultura, mas sim às categorias culturais formadoras de mundo. Ou seja, a sociedade seria um *mundo* (ou *esfera*). As protoformas

culturais (estritamente ligadas à vida) teriam seu segundo nível de formação em sua passagem de protoformas a formas objetivas, legados que compõem a tradição e que, por isso, estão disponíveis ao indivíduo para o cultivo de si, e que conformam a *cultura subjetiva*, cada vez mais incapaz de incorporar, na vida moderna, a gama de conhecimentos que se tem construído enquanto *cultura objetiva*<sup>1</sup>. Como exemplo, certas variações rítmicas e melódicas surgidas atadas a interesses pragmáticos de comunicação (protoformas) se transformaram na forma objetiva a que denominamos música, com suas regras específicas. O terceiro nível de formação cultural seriam os *mundos*, formas mais gerais de organizar os conteúdos da vida, moldando-os ou conferindo uma forma de segunda ordem aos conteúdos já moldados pela experiência. Exemplos seriam o mundo da arte, da ciência, da religião, dentre outros, que têm sua conservação na interação entre formas específicas. Todas essas esferas mantêm entre si relações de disputa; do mesmo modo que Simmel destaca o incansável conflito entre formas e vida. Ainda assim, não seria possível justificar qualquer supremacia de um mundo sobre outro, como a que se tenta conferir ao modo técnico-científico de organização do mundo – este posicionamento faz, inclusive, de Simmel, nas palavras de Salvador Mas (2001), um opositor ao objetivismo e um representante do relativismo. Qualquer conteúdo pode ser construído como elemento de qualquer mundo. Sons podem ser apreendidos religiosa, artística ou cientificamente. A sociedade, como mundo social, seria, então, uma forma possível de organização das experiências. Ao mesmo tempo, forma e conteúdo são, em certo sentido, intercambiáveis: aquilo que se apresenta como forma, a depender da perspectiva, pode ser visto como conteúdo; por exemplo, as formas culturais são, a um só turno, conteúdos sociais – depende, como afirmado, da perspectiva adotada. Se Simmel reserva à sociologia o estudo das formas em sua *sociologia pura ou formal*<sup>2</sup>; a outras ciências sociais caberia o estudo dos diferentes conteúdos da vida.

Neste sentido, Simmel lança sua crítica a Kant: se, para este, as relações não residem nas coisas, e sim são obra do sujeito na aplicação de suas categorias (apriorísticas) em direção à natureza; o mesmo não se dá quanto às relações sociais, visto que, nestas, a coisa – ou seja, o indivíduo – é o próprio sujeito do conhecimento. Simmel acaba por se distanciar de Kant ao conferir, então, historicidade às estruturas cognitivas. As *formas* são históricas, e não imutáveis como em Kant. É a discussão acerca do mundo social e a constituição de suas *formas* que permite a Simmel tal afastamento crucial para as elaborações sociológicas a ele posteriores.

A noção de forma apresentada por Simmel, em sua leitura sociológica de Kant, encontrou terreno fecundo nas ciências sociais por sua influência direta ou devido ao papel relevante de outros tributários do filósofo alemão do século

---

<sup>1</sup> É o que SIMMEL define como um dos aspectos trágicos da cultura.

<sup>2</sup> Além da sociologia das formas, SIMMEL distingue a *sociologia geral*, dedicada ao estudo sociológico da vida histórica, e a *sociologia filosófica*, que consiste no estudo quanto a aspectos epistemológicos e metafísicos da sociedade (e inseparáveis da ciência).

XVIII. Um desses ilustres pensadores é, sem dúvida, Ernst Cassirer, um neokantiano cujas elaborações teóricas em muito contribuíram para a conformação das propostas de sociologia elaboradas por Pierre Bourdieu e Norbert Elias. Discutir, portanto, algumas concepções gerais de Cassirer nos permitirá não apenas proceder as relações entre Bourdieu e Elias como também nos servirá como elo fundamental para que, a partir dos mencionados autores da teoria social contemporânea, possamos recobrar a proposta simmeliana.

Para Cassirer (2001), há diversas formas de compreensão humana do mundo. Em outros termos, e muito próximo do que foi discutido por Simmel, Cassirer afirma que há inúmeras possibilidades de perspectivação do mundo e que cada perspectivação é uma *configuração*, reveladora, portanto, de aspectos específicos do mesmo, e que funciona não apenas como reprodutora do mundo, mas igualmente como construtora desse mesmo mundo. Ou seja, a multiplicidade fundamental do mundo é ordenada em *configurações, formas* específicas de visada voltadas ao mundo que, por esta mesma especificidade, acabam por ser regidas mediante leis singulares. Como Simmel, Cassirer se afasta de uma posição realista ao enfatizar o caráter mediado do conhecimento humano, incluindo neste roldão o conhecimento científico. Não se tratam, os conhecimentos científicos, de reproduções da realidade, e sim de símbolos intelectuais cientificamente criados com determinados fins. Um mesmo objeto pode, deste modo, ser apreendido em diferentes aspectos a depender da ciência que o tome para estudo. O objeto é o mesmo; as perspectivas são variadas. Tratam-se todas de *formas* humanas de conhecimento voltadas ao mundo e tais perspectivas estariam organizadas num sistema unificado em que as diferentes partes constitutivas se condicionam mutuamente sem perder a sua relativa independência. O papel do estudioso seria delinear, desenhar esse sistema. A unidade, nos termos do autor, é puramente funcional, e não de substância. Busca-se o fio que ata a multiplicidade numa unidade sem ocasionar a destruição da diversidade. Ou seja, é possível, segundo o autor, buscar o que seria uma *forma* análoga às diversas perspectivas, a lei que rege suas estruturas e que pode ser abstraída dos fenômenos, apesar de constituí-los.

Todas estas manifestações do espírito vivem em mundos peculiares de imagens (*Bildwelten*), nos quais os dados empíricos não são simplesmente refletidos, e sim criados de acordo com um princípio autônomo. E é por este mesmo motivo que cada uma destas manifestações produz as suas próprias configurações simbólicas que, se não são iguais aos símbolos intelectuais, a eles se equiparam no que diz respeito à sua origem espiritual. Nenhuma destas configurações se funde pura e simplesmente com a outra ou dela pode ser derivada, uma vez que cada uma delas designa uma determinada forma de compreensão, na qual e através da qual se constitui em aspecto particular do “real”. Assim sendo, não se trata de maneiras diferentes pelas quais algo real em si se revela ao espírito, e sim de caminhos que o espírito segue em direção à sua objetivação, isto é, à sua auto-revelação (CASSIRER, 2001: 19).

A questão fundamental a ser elaborada a partir das contribuições de Kant se refere, pois, ao objetivo mesmo do estudo: busca-se compreender a relação estabelecida (função) ou o “objeto”? O papel da filosofia, segundo

Cassirer, é abarcar a totalidade das formas, explicitando as relações que elas estabelecem entre si; e não sua possível relação com algum ente ou princípio que os transcenda. Como Simmel, portanto, Cassirer se dedica à depuração da unidade da forma em detrimento do que eles denominam conteúdo.

Todavia, segundo ainda Ernst Cassirer, não apenas a ciência, mas também a linguagem, o mito, a arte e a religião funcionam como essas esferas de conhecimento dirigidas ao mundo, como contextos funcionais significativos. Mais do que meras conformações do mundo, acentua o pensador, são *funções*, portanto, em virtude das quais são construídas *configurações* singulares e que transformam a própria realidade. Assim, as múltiplas funções são as relações entre os elementos singulares cindidos pelos caminhos do conhecimento. Deste modo, na procura pela *forma*, Cassirer acaba por enfatizar que o invariável deve ser destacado do variável. O objetivo da filosofia não está em buscar a vida e sim em buscar, a partir dos símbolos humanamente criados, os traços comuns (invariantes) que atravessam sua pluralidade e que indicam, deste modo, a unidade do espírito, já que nada são além da síntese espírito-mundo. Uma comparação em relação a Simmel é aí, mais uma vez, cabível, no entanto, por ora, trata-se da explicitação de uma diferença crucial: em Simmel, o ideal de conhecimento não está nas formas. Para este autor, se as formas permitem a liberação de sentidos vários, elas são também prisões inescapáveis que levam a um distanciamento da vida. Este autor, pois, se ressentido pelo afastamento quanto à vida. Cassirer, por sua vez, indica claramente o objetivo de sua filosofia em ser a depuração das formas singulares para, a partir de sua comparação, constituir a forma invariante que se apresenta nas diferentes *funções* singulares.

### **A teoria dos campos de Pierre Bourdieu**

O sociólogo francês Pierre Bourdieu incorpora em sua teoria os elementos fundamentais das discussões até aqui enfrentadas. Tributário assumido quanto às contribuições de Cassirer, Bourdieu não se furta a criticá-lo e ultrapassá-lo em pontos fundamentais. Mas, é preciso notar que os aspectos tomados de Cassirer por Bourdieu e que, por via indireta, têm insinuações desde as contribuições de Simmel, se distinguem dos elementos fundamentais deste autor incorporados por Norbert Elias. Concordando com a existência de tais estruturas simbólicas e com a tendência das ciências sociais em construir topologias como instrumentos de representação do mundo social, Pierre Bourdieu (2000) avança a discussão ao tentar superar a filosofia da consciência que ainda imperava nas construções efetuadas por seus antecessores, sem recair no estruturalismo, que acabava por conceber as práticas como meras variantes das estruturas objetivas. A relação passa a ser pensada como entre estruturas e práticas sociais, sendo aquelas, portanto, postas não na consciência dos indivíduos, como ocorre no idealismo de Cassirer, e sim incorporadas em todo seu ser e exteriorizadas por suas diferentes ações (BOURDIEU, 2002b). A praxeologia defendida pelo autor significa a tentativa de dar conta de estruturas,



a um só tempo, estruturadas e estruturantes das práticas sociais. Segundo Bourdieu (2000), os neo-kantianos, dentre os quais figuraria Cassirer, privilegiam o caráter estruturante das estruturas, o que deveria ser equalizado ao aspecto estruturado das mesmas, enfatizado pelos estruturalistas. A tentativa de dar conta de tal dualidade o leva a buscar na noção de *habitus* a ligação necessária (também dialética) que possibilita o movimento entre as duas instâncias. Tal *habitus* funciona como um sistema de disposições inconscientes do agente que o leva a considerar as estruturas incorporadas ao decorrer de suas ações, tendendo a produzir práticas, portanto, conformes a estas estruturas objetivas (2001). Para tanto, o *habitus* correlaciona dialeticamente as estruturas como tais e a conjuntura vivida, enquanto estado particular da estrutura.

O espaço social é, para Bourdieu, multidimensional se apresentando, pois, como um campo de forças em disputa. Isto é, o espaço social é um conjunto, em aberto, de *campos* apenas relativamente autônomos, uma vez que sempre lançados em jogos pelo poder de decidir e influenciar no funcionamento e, conseqüentemente, na estrutura dos demais campos. Cada campo possui uma lógica e uma hierarquia próprias, frutos de um processo de depuração rumo à sua definição e distinção como gênero particular. Ao mesmo tempo, cada campo, como estrutura de relações objetivas, opera a partir de um tipo de capital característico, enquanto recurso de poder, que define os posicionamentos ao seu interior; no entanto, há igualmente uma hierarquia entre os capitais postos em jogo nos diferentes campos e que, historicamente, tem feito com que o chamado campo econômico assumira uma posição destacada frente aos demais, subordinando-os, em certa medida, à sua lógica. Nestes termos, cabe, então, ao cientista

estabelecer um conhecimento adequado não só do espaço das relações objectivas entre as diferentes posições constitutivas do campo mas também das relações necessárias estabelecidas, pela mediação dos *habitus* dos seus ocupantes, entre essas posições e as tomadas de posição correspondentes, quer dizer, entre os pontos ocupados neste espaço e os pontos de vista sobre este mesmo espaço, que participam na realidade e no devir deste espaço (BOURDIEU, 2000: 150).

Para tanto, é necessário determinar as estruturas objetivas, segundo Bourdieu homólogas, de tais campos, o que se daria a partir da comparação entre casos particulares a fim de entrever os invariantes que permitiriam a operação de generalização que distingue o procedimento científico, processo semelhante ao defendido por Simmel para a delimitação das formas. A construção dos campos permitiria, de igual modo, dar conta das diferentes interações concretas, lugares de articulação e atualização dos diferentes campos, casos singulares de um possível determinável em função de uma crença, a de validade do jogo ao interior e entre os campos – aquilo a que Bourdieu denomina *illusio* (2002).

Percebe-se, então, a relação entre a proposta de Bourdieu e a de Cassirer. Tanto como este último, Bourdieu considera que se deve, a partir das práticas, abstrair suas estruturas singulares, os *campos*. Tais *campos* são

autonomizações realizadas historicamente e que, a despeito de suas leis específicas, isto é, do *capital* específico em jogo, mantêm relações fundamentais entre si. A analogia das estruturas em Bourdieu acaba por levá-lo à busca dos invariantes estruturais que representam a totalidade dos diferentes *campos* num mesmo sistema simbólico, sem negar suas especificidades. No entanto, Bourdieu distancia-se de Cassirer ao tentar apresentar a dinâmica que anima essas estruturas e ao inserir a temática do poder em suas discussões. Para Bourdieu, os *campos* têm internamente e entre si a característica fundamental de consistir em relações conflituosas de disputa pelo poder de significar o mundo e de ordenar os demais *campos*.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 2000: 11).

Se, inegavelmente, Bourdieu ultrapassa Simmel e Cassirer ao pôr em discussão o caráter social do corpo, sua contribuição fundamental está na tentativa de explicitar a relação entre estrutura e práticas, ainda que deixe em aberto a origem do próprio *habitus* e demonstre considerável dificuldade em mostrar as transformações históricas dos campos que toma para discussão – ainda que afirme sua inegável historicidade, em fina sintonia com as discussões de Simmel e sua ênfase na *sociação/sociação*.

Se retomamos, enfim, as discussões de Simmel, a noção de *campo* de Bourdieu figuraria como análoga aos *mundos* ou *esferas*, formas modeladoras e, nesse sentido, estruturas estruturantes e estruturadas. Já os sub-campos de Bourdieu pertenceriam, em Simmel, a um nível inferior de síntese. Por exemplo, a pintura, como forma cultural, pertence a um segundo nível de integração, (para Simmel) abaixo, pois, do mundo da arte do qual faz parte. Em suma, Bourdieu poderia ser tomado como pensador que busca estudar e evidenciar as relações que conformam as estruturas apenas anunciadas genericamente por Simmel, extrapolando o debate para além do âmbito da consciência e também do vitalismo romântico em que Simmel se vê mergulhado. Além do mais, se Simmel afirma serem o conflito e a subordinação estruturas invariantes das diferentes interações, coube a Bourdieu apontar os conflitos na ordem dos campos, algo que o relativismo simmeliano tende a suprimir ao invocar a legitimidade e, pois, direito interpretativo de cada esfera. Uma crítica possível e contundente a Bourdieu é ter pouco efetivado o retorno às interações concretas, como, segundo ele, esse espaço de interseção entre os campos, objetivo último de sua teoria da ação. Suas análises se ativeram, em grande medida, a campos determinados, explicitando sua estrutura e mecanismos de funcionamento, a partir dos quais outros campos, por conta da autonomia apenas relativa que os caracteriza, por vezes eram tomados com o intuito de evidenciar as relações estabelecidas e a posição assumida por cada campo na hierarquia, como

resultado de lutas históricas. Deste modo, Flaubert comparece em *As regras da arte* (2002) mais propriamente como um exemplo interessante à caracterização da arte, e suas tensões com o campo econômico no século XIX, do que propriamente como um indivíduo cuja trajetória é passível de interpretação por recurso à busca de seus diferentes posicionamentos ao interior de variados campos. Lembremos que também para Simmel o indivíduo é o lugar de cruzamento entre as diversas esferas. Como comentário adicional, é importante observar a utilização, por vezes difusa, de que faz uso Bourdieu acerca da noção de *configuração*. Em Bourdieu (2001), as configurações seriam específicas atualizações historicamente realizadas das estruturas de relações objetivas. Seriam, em seus termos, momentos de um sistema de transformações históricas, o que faz com que esta noção esteja mais próxima do domínio específico das práticas, que apresentam as estruturas, incorporadas e exteriorizadas, de diversos modos.

Ainda é perceptível uma considerável dificuldade em tomar as interações, como pretendiam Simmel, Weber e o próprio Bourdieu, como esse espaço fundamental de articulação entre o político, o econômico, o cultural, o religioso, enfim, entre as formas de vida como essas estruturas inseparáveis da vida. A racionalização do mundo em esferas não pode ser tida como sinônimo de uma equivocada interpretação de que tal diferenciação se dá, e efetivamente nestes termos, na prática.

### **A sociologia *configuracional* de Norbert Elias**

A partir dessas considerações prévias, será possível melhor compreender um outro pensador que, como Simmel, era ocupado (ocupa ainda) um lugar um tanto marginal nas discussões sociológicas. Norbert Elias, além disso, mantém com Simmel a proximidade de pouco explicitar as referências de seu pensamento e de, pelo estilo de sua escrita, obrigar o leitor a, raras exceções no escopo de sua obra, “garimpar” o significado de certos termos que utiliza. Talvez uma de suas obras mais sistemáticas seja, de fato, o livro *Introdução à sociologia* (1999), a principal fonte a ser por agora utilizada.

Elias parte de duas críticas fundamentais: a primeira, dirigida à separação indivíduo-sociedade que ele substituiu satisfatoriamente pela noção de relação nós-eu; e a segunda, dirigida a uma espécie de metafísica das estruturas sociais, construída na tentativa de compreensão, sociológica e cotidiana, das forças coercitivas a que os indivíduos estão sujeitos. Para Elias (1999), tais forças são exercidas pelas pessoas sobre outras pessoas e sobre si próprias. A dificuldade em perceber isso estaria posta não apenas nas armadilhas de nossa língua que tende a transformar palavras como estrutura e sociedade em substâncias autônomas, sujeitos cindidos de objetos gramaticais, mas também no relativamente alto grau de envolvimento ainda presente nas pesquisas em ciências humanas, em comparação com as chamadas ciências naturais (1990), que acaba fazendo com que os dilemas sociais sejam vividos como angústias e,

consequentemente, com que o uso da fantasia – ficção explicativa, nos termos de Wolfgang Iser (1999) –, como forma de encobrir os hiatos de compreensão, seja mais recorrente, e os hiatos maiores. Aos cientistas caberia a destruição dos mitos, conhecimento pré-científico e que, portanto, está na base das próprias concepções científicas – num caminho que se inicia, pois, com as teorizações construídas pelos “homens comuns” para sua orientação no mundo e que impõe à sociologia do conhecimento a questão acerca das condições de desenvolvimento das pré-ciências às ciências constituídas.

Segundo Elias, foi ainda durante as pesquisas de sua tese de doutoramento que o questionamento acerca dos *a priori* se desenvolveu:

Não me era mais possível ignorar que o que Kant considerava como atemporal e como dado antes de qualquer experiência – fosse o conceito do vínculo de causalidade, o do tempo ou das leis naturais e/ou morais – deve ser aprendido, ao mesmo tempo que os termos correspondentes, por intermédio de outros homens para poder estar presente na consciência de cada indivíduo. Isso é um saber adquirido, que, como tal, pertence portanto ao patrimônio de experiências do homem (ELIAS, 2001: 101).

O que há são relações entre indivíduos. Se assim o é, são estas relações, de interdependência, funcionalidade recíproca e de poder, a que ele denomina *configuração*, o ponto de partida e de chegada da sociologia. As estruturas são, por isso, históricas, como afirmou fundamentalmente Simmel e também Bourdieu. A opção de Elias é, portanto, não ceder às abstrações a que se lançam outros autores. Do mesmo modo que Simmel vê nas *formas sociais* relações entre indivíduos só que a uma distância maior que torna essas relações básicas crescentemente mais opacas a ponto de justificar o estudo das estruturas por si como se fossem absolutamente autônomas, Elias considera que não se pode perder de vista que, do mesmo modo como num jogo de cartas, o Estado-Nação, a sociedade, a arte, dentre outros, nada mais são do que redes de relações vividas entre indivíduos. E aí está a justificativa fundamental para que ele advogue que o jogo de cartas, a sociedade, o Estado, a arte, dentre outros, sejam estudados pelo que são: relações de interdependência entre indivíduos (*configurações*).

O que distingue o conceito de figuração<sup>3</sup> dos conceitos mais antigos com os quais se pode compará-lo é precisamente que ele constitui um olhar sobre os homens. Ele ajuda a escapar de armadilhas tradicionais, as das polarizações, como a do “indivíduo” e da “sociedade”, do atomismo e do coletivismo sociológico. Os meros termos “indivíduo” e “sociedade” já bloqueiam frequentemente as percepções. Caso se chegue a um distanciamento, fica-se em condições, nos degraus da escada em espiral da consciência, de se reconhecer a si próprio, aparentemente no degrau precedente, enquanto homem entre outros homens, e de reconhecer a sociedade como uma figuração constituída de numerosos indivíduos fundamentalmente interdependentes, ou seja, tributários e

---

<sup>3</sup> Alguns autores traduzem o termo como configuração; e outros, como figuração. A opção aqui foi adotar o termo configuração por sua maior coerência em relação à perspectiva do autor, uma vez que o prefixo *con-* indica algo feito ou sofrido conjuntamente, isto é, em relações socialmente estabelecidas.

dependentes uns dos outros; só então se é capaz de superar intelectualmente a polarização entre indivíduo e sociedade. Eis um objetivo tão fácil como ovo-de-colombo e tão difícil como a revolução copernicana (ELIAS, 2001: 149).

Deste modo, as estruturas sociais, bem como as configurações formadas nas relações são, segundo ele, tão concretas como os indivíduos específicos em interação – como crítica às tipificações enquanto construtos abstratos, imputação de sentido, portanto, por parte do pesquisador (numa referência e oposição explícita a Weber, mais especificamente) e num explícito reconhecimento a Durkheim em sua tentativa de evidenciar a realidade da sociedade (ELIAS, 2006). Seguindo o raciocínio do autor, o estudo a partir das esferas (e, pois, de seus correlatos) deveria ser substituído por um modelo de funções diferenciais e de integração crescentes e decrescentes, igualmente níveis de síntese de caráter, portanto, simbólico. A noção de *função* utilizada por Elias tem por inspiração o uso de que faz do termo Ernst Cassirer. Segundo Hésper Rivera (1998), tal noção teria sido adotada por Elias em 1923. Além de concordar com Cassirer quanto ao caráter simbólico do conhecimento humano, Elias adota deste autor a idéia central de que os estudos devem focar atenção na explicitação das relações, e não na busca por substâncias. Deste modo, as *esferas*

(...) se referem a relações específicas de funções que as pessoas desempenham para si próprias e para os outros. Se as esferas políticas, económicas e todas as outras forem encaradas como relações funcionais de pessoas interdependentes, em breve se verá que a divisão é meramente conceptual. Mais, veremos que não tem relação com qualquer modelo sociológico da sua interdependência e, assim, desviamos a investigação sociológica do seu caminho. Basta-nos considerar um fenómeno como os impostos. Serão os impostos fenómenos de natureza “económica”, “social” ou “política”? Será a decisão quanto ao modo como a carga fiscal é suportada de “caráter puramente económico”, “puramente político” ou “puramente social”? Ou não será antes a consequência de um equilíbrio de poder entre vários grupos de pessoas, entre governantes e governados, entre os estratos sociais mais ricos e mais pobres, que podem ser razoavelmente bem determinados sociologicamente? (ELIAS, 1999: 69).

O questionamento do autor pode ser compreendido à luz de sua proposta; no entanto, é nítida a tentativa de marcar uma posição singular que acaba por não fazer jus às considerações dos demais sociólogos aqui estudados. Simmel, Bourdieu e Weber – este que, mesmo não sendo aqui discutido diretamente, é aquele a quem Elias mais frontalmente se dirige – unanimemente afirmam a vida social como totalidade e, assim, como o mencionado espaço de interseções a que se referiu Bourdieu, apesar das especificidades e maiores/menores dificuldades de efetivação da proposta lançada, impedindo qualquer visão simplista do mundo societal como soma de esferas ou campos.

Em acréscimo, Elias igualmente critica uma das consequências possíveis das tipificações. Apesar de autores afirmarem que os estudos devem incidir nas relações sociais, acabam por, na elaboração de tipos, retirar os indivíduos do jogo de relações. A ênfase na funcionalidade que marca as relações acaba por ser uma decorrência de tal cuidado: o indivíduo A está em função do indivíduo B;

do mesmo modo que B está em função do indivíduo A; e ambos estão em função de tantos quantos se relacionem. Elias resgata, portanto, um sentido mais antigo de *função* (a partir de Cassirer) que se distingue do modo como os autores denominados funcionalistas fazem uso do termo. Esta *funcionalidade* – do modo como Elias constrói o termo – indica ainda que se tratam de jogos de forças assimétricas (de poder), passíveis de cambiar ao decorrer da relação e a depender dos jogadores em questão. No entanto, para dar conta do caráter, portanto, coercitivo que se aí se evidencia, o autor opta pelo uso do termo *interpenetração*. As ambivalências destacadas por Simmel passam a compor as análises das interações singulares, sem a necessidade de recorrer à estratégia de conceber estruturas relativamente autônomas. O mesmo pode ser afirmado quanto à necessidade de “virar” o objeto para obter variadas perspectivas (configurações) para análise. No caso da sociologia eliasiana, múltiplas perspectivas são possíveis a partir de uma mesma configuração, uma vez que as relações recíprocas exigem que o pesquisador se mova em busca da explicitação da função AB, bem como a função BA, além de outras tantas postas em jogo na configuração estudada. Elias parece pretender efetivar aquilo a que Simmel insinua em seus trabalhos: o conhecimento perfeito que se atém às interações, e suas estruturas, a partir das relações interindividuais. Se isso marca uma proximidade com o citado autor, ao mesmo tempo marca fundamentais distanciamentos em relação a eles, e de Elias para com Bourdieu, uma vez que Elias, para alcançar seu intuito, se desvia da separação estabelecida por Simmel entre forma e vida e, especial, da prioridade que acaba sendo conferida às formas em detrimento da vida. Para Elias o distanciamento quanto ao mundo prático pela busca da depuração de estruturas é desnecessária ao conhecimento sociológico e um desvio de seus objetivos. Na busca por uma maior congruência do conhecimento sociológico em relação à realidade, Elias advoga a favor do estudo da complexidade dos fenômenos sociais em sua complexidade. Daí as diferentes *esferas* comparecerem como *funções* inerentes às diferentes relações entre os indivíduos.

Ainda que não faça referência a Simmel, Elias concorda com sua concepção de que o aumento na rede de relacionamentos tende a conferir maior mobilidade ao indivíduo e, assim, maior vazão e possibilidade de incremento do processo de individuação. Simultaneamente, concorda ainda, diminuem as possibilidades de indivíduos singulares controlarem os demais “jogadores” e o “jogo”. Segundo Elias (1999), o grupo pode, inclusive, se fragmentar em vários grupos pelo aumento de participantes na rede. Tais grupos, por sua vez, podem seguir percursos de modo relativamente independente ou constituir uma nova configuração formada por grupos interdependentes. Além disso, o autor não descarta a possibilidade de o grupo inicial se manter conformado como uma configuração de elevado grau de complexidade. Para escapar de uma possível rigidez da figura formada a partir dos laços entre indivíduos, Elias afirma a sua proposta como uma *sociologia evolutiva*, cujo problema fundamental seria “descobrir e explicar como formações sociais tardias emergem de formações

primitivas”. A noção de evolução em Elias não se confunde com o termo progresso. Para ele, o desenvolvimento histórico encerra progressos e retrocessos (1990), e não cabe ao cientista social explicitar qual a sua opinião sobre como a sociedade deveria evoluir. A configuração atual é apenas uma transformação possível da formação social anterior, esta sim necessária para que a configuração atual viesse a surgir. Cabe ao estudioso refazer esse percurso de *longa duração*: “É tão plausível examinarmos a cadeia de potenciais conseqüências como descobrir a constelação particular de fatores responsáveis pela emergência desta e não doutra configuração, dentro das alternativas possíveis” (ELIAS, 1999: 177).

Sem dúvidas, aqui é perceptível a indelével marca de Weber, para quem cabia ao cientista social o reconstruir as conexões (históricas) de sentido, imprescindível à compreensão da ação social – só que, em Elias, para a compreensão do processo que levou a uma determinada configuração. O que interessa, portanto, é estudar uma certa configuração, o que não pode ser feito, segundo o autor, a partir de indivíduos isolados. A noção de constelação surge, mais uma vez, e num sentido conforme a Simmel e a Weber: como agrupamento de fatores. Por outro lado, Elias (1994) critica as topologias sociais justamente devido aos modelos espaciais serem estáticos, não conseguindo fazer jus às tensões entre os interesses centrífugos e centrípetos e, pois, à história. Deste modo, a contribuição fundamental da sociologia configuracional é permitir um estudo acerca das interações sociais em que a “saída” do chamado mundo das práticas seja tão desnecessária como o ater-se a uma ou outra esfera específica (ou campo) no estudo perdendo de vista a multidimensionalidade de qualquer fenômeno social.

## Conclusão

Com inspiração no ensaio de Simmel acerca das pontes e das portas como simultânea relação de ligação e separação entre termos, sejam eles os cômodos de uma casa ou as margens de um rio, o objetivo deste trabalho se centrou na tentativa de discutir pontos de aproximação e de distanciamento entre diferentes autores da teoria social. Tomando as contribuições de Georg Simmel, buscou-se evidenciar que as elaborações de Pierre Bourdieu e de Norbert Elias, ambos entendidos como ilustres pensadores da teoria social do século XX, podem ser compreendidas como dois caminhos distintos de certo modo abertos ao aprofundamento desde Simmel.

Simmel, em seus trabalhos, acabou por apontar o estudo das formas como a atribuição fundamental da sociologia. Dividida em sociologia geral (estudo sociológico da vida histórica), sociologia pura ou formal (estudo das formas de socialização) e sociologia filosófica (estudo dos aspectos epistemológicos e metafísicos da sociedade), a sociologia funcionaria como uma geometria do social em busca da depuração das formas transitórias que regem a vida social e são por ela igualmente constituídas – antecipando, de certo modo e

dentro de certos limites, a concepção bourdiana das *estruturas estruturadas e estruturantes*. No entanto, ao mesmo tempo Simmel afirma que o estudo ideal se aterá às relações de interação entre os indivíduos, possibilidade que, para o autor, estaria fechada pelo caráter necessariamente mediado do conhecimento humano. Ainda assim, este pensador de fins do século XIX acaba por abrir essa porta de compreensão a ser adentrada e aprofundada por outros autores, como Weber e, de modo destacado, Elias. No caso de Bourdieu, o percurso seguido significou a análise das estruturas na tentativa de construir um modelo de compreensão que desse conta da relação entre estruturas e práticas, o que este autor (Bourdieu) faz a partir da noção de *habitus/hexis*. No que se refere a Elias, por sua vez, a concepção – que une os três autores – de que as estruturas são inseparáveis das práticas o faz questionar o momento, usual nas ciências sociais, de separação analítica entre estruturas e práticas – e, assim, o distancia simultaneamente da sociologia efetivada por Bourdieu e por Simmel. Tal etapa de abstração, conforme Elias, levaria o pesquisador a se desviar de seu objetivo, as práticas. Se as estruturas são a elas inerentes, seria possível construir um modo de interpretação em que tais abstrações das estruturas fosse prescindível. Norbert Elias parece aceitar aquilo que pode ser compreendido como um desafio lançado por Simmel de compreender o mundo social a partir das relações entre os indivíduos sem esquecer a premissa fundamental de que, no caso da sociologia, o pesquisador é igualmente sujeito e objeto do conhecimento. É o que o mencionado autor busca evidenciar a partir de sua sociologia configuracional, na esteira das pistas deixadas por Simmel. No entanto, para os três autores, o ponto de partida e de chegada fundamental da sociologia é o mesmo: as práticas.

Longe de hierarquizar as propostas pelos autores apresentadas, a intenção neste trabalho foi expor articuladamente alguns pontos de suas discussões e evidenciar a busca por teorias que consigam melhor alcançar o objetivo da sociologia de construir um corpo de conhecimentos mais congruente, como afirmou Elias, com o movimento do mundo social. Contudo, esses autores, como outros tantos que poderíamos citar, se valem de noções variadas em seu trabalho. Configuração, constelação, estrutura, símbolo, campo, mundo, esfera são algumas delas. Discutir tais termos e perceber seus diferentes usos (e as implicações desses usos no que se refere a concepções teóricas e a desdobramentos metodológicos) é crucial à condução das teorias sociológicas e futuras teorias sociais.

### Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva. 2001. 361p. (Ciências sociais, 20).

\_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução por Maria Lúcia Machado. São Paulo : Cia. Das Letras, 2002. 432p.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 431p.



- CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas 1: a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 416p. (Coleção tópicos).
- COHN, G. Simmel e a depuração das formas. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 51-74.
- ELIAS, N. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 352p.
- \_\_\_\_\_. *Escritos e ensaios, 1: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. 238p.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999. 206p. (Nova biblioteca 70, 14).
- \_\_\_\_\_. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 166p.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994. 201p.
- ISER, W. *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. CASTRO, J.C. (Org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 260p.
- LEVINE, D. Introdução. In: SIMMEL, G. *Sobre la individualidad y las formas sociales: escritos escogidos*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002. p. 11-70 (Colección intersecciones).
- MAS, S. Simmel o la autoconsciência de la modernidad. In: SIMMEL, G. *El individuo y la libertad: ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona: Ediciones Península, 2001. p. 09-42 (Ediciones de bolsillo).
- MORAES FILHO, E. Formalismo sociológico e a teoria do conflito. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p. 07-44. (Grandes cientistas sociais, 34).
- RIVERA, H. Acerca de algunas fuentes de la teoría elisiana en su período de gestación: 1920-1933. In: RIVERA, H. (org.). *Norbert Elias: um sociólogo contemporâneo, teoria y método*. [s.l.]: Fondo de Ediciones sociológicas, 1998. p. 15-24.
- SIMMEL, G. Como as formas sociais se mantêm. In: MORAES FILHO, E. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-58. (Grandes cientistas sociais, 34).
- \_\_\_\_\_. *Cuestiones fundamentales de sociología*. Barcelona: Gedisa editorial, 2002a. 155p. (Sociología).
- \_\_\_\_\_. *El individuo y la libertad: ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona: Ediciones Península, 2001. 430p. (Ediciones de bolsillo).
- \_\_\_\_\_. *Sobre la individualidad y las formas sociales: escritos escogidos*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002b. 464p. (Colección intersecciones).
- SOUZA, J. & ÖELZE, B. (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB, 1998. 274p.
- WAISBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP: ED. 34, 2000. 592p.
- WEBER, M. *Metodologia das ciências sociais: parte 1*. 3.ed. São Paulo: Cortez; Editora da Unicamp, 1999. 212p.

